



Simbolismo e poder nas relações empresa-funcionário

Fernanda C. Martins-Suarez¹

RESUMO

A presente resenha convida o leitor a uma interpretação das relações de poder dentro de uma empresa siderúrgica, relações estas que são encontradas não apenas na dicotomia empresa-funcionário, mas também como resultado da inserção da mulher no mercado de trabalho. Entretanto, neste contexto, o peso da siderurgia se confunde com a leveza do símbolo significativo construído pela empresa e representado pelo uniforme a fim de implantar na mente de seus funcionários a alegria e o prazer de trabalhar em uma companhia que tantas benesses trouxe aos seus funcionários e a cidade onde está instalada.

Palavras-Chave: trabalho; poder; mulher; siderúrgica.

Recebido em 24/06/2015
Aceito para publicação em 13/04/2016

FARIAS, Rita de Cassia Pereira. *Uniforme e trabalho no Vale do aço*. Viçosa: Ed. UFV, 2012.

A conquista do poder é a questão principal do livro *Uniforme e trabalho no Vale do Aço - discursos, práticas e significados simbólicos* publicado em Dezembro de 2012 pela professora da Universidade Federal de Viçosa M.G., Rita de Cássia Pereira Farias como resultado de sua tese de doutorado realizada na Unicamp, S.P.

O que emerge com relevância maior no decorrer dos cinco capítulos desta obra são as relações de poder entre os trabalhadores e uma empresa siderúrgica localizada na cidade de Ipatinga em Minas Gerais, hoje uma cidade

¹ Mestranda do departamento de Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: fchiozzini@hotmail.com

de contrastes entre a natureza que a cerca e as marcas urbanas de siderurgia criada pela instalação da Usiminas.

O livro em questão desponta de entrevistas realizadas com funcionários, ex-funcionários e seus familiares, além de relatos dos moradores da cidade e análises de documentos e fotos que trazem a história da Usiminas.

A proposta da autora é compreender as relações de poder embasadas na ligação afetiva que os trabalhadores guardam com seu uniforme, símbolo que remete diretamente a siderurgia. Além de discorrer acerca da inserção das mulheres no mercado de trabalho e as conquistas que elas foram adquirindo neste meio. Para apreender estas questões, a obra articula Antropologia Simbólica, História e Cultura Material.

É nesta esfera que o primeiro objetivo do livro é ilustrado: destacar os meios utilizados pela instituição na tentativa de implantar na mente de seus funcionários um sentimento de gratidão frente ao seu local de trabalho. Para este fim, o uniforme foi a principal ferramenta utilizada pela Usiminas, pois desde o início de suas atividades, a empresa vinha apontando aos seus funcionários, assim como a todos os habitantes da cidade, o uniforme como um símbolo fortemente valorizado por representar o elo com uma empresa que se preocupava em proporcionar bom salário e trabalho promissor àqueles que integram seu grupo. Isto é, a simbologia do uniforme acompanhou os esforços da siderurgia em ocupar uma posição de prestígio também dentro da cidade onde se localiza, uma vez que era motivo de orgulho para o funcionário ser visto trajando seu uniforme, sentimento que a cidade reconhecia e legitimava.

Além disso, Farias destaca que a Usiminas pretendia ir mais longe com as relações de poder, pois que não se interessava apenas em possuir bons empregados, mas em fazer deles excelentes cidadãos, assim, o poder econômico, representado pelo bom salário, se fundia ao poder político e judiciário dentro e fora da siderúrgica.

Uma outra evidência interessante deste tipo de relação é sustentada pelo tipo de vínculo construído entre presidente e funcionários. O livro destaca o consenso entre os trabalhadores quanto a interpretação do presidente como “um de nós”, pois ele vestia o uniforme em eventos onde os funcionários estavam presentes como mais uma estratégia para a aceitação e valorização da empresa.

Nesta mesma linha, segue o segundo objetivo da autora: ressaltar a relação de poder presente na mesma empresa alusivo ao papel das mulheres, não apenas no tocante a inserção feminina no mercado de trabalho, mas também as esposas dos

trabalhadores, as quais contribuíam para o crescimento da empresa ao participarem dos seus eventos e ao respeitarem o horário de trabalho do marido.

Farias pontua ainda que as funcionárias da Usiminas foram conquistando seu espaço aos poucos, primeiramente no cargo de secretárias, atividade tida como feminina, visto que apenas aos 45 anos da Usiminas uma mulher alcançou um cargo na gerência. Em seguida, para reforçar a estratégia de enquadrar as mulheres na empresa, vários programas com o propósito de defender a igualdade de gênero foram lançados, todavia, destaca a autora, a representação das mulheres com base na sua fragilidade ainda estava presente.

Então, de uma maneira geral, ao propor uma análise das relações de poder socialmente representadas em uma instituição de trabalho ocidental contemporânea, a obra incita o estudo de um processo complexo, haja vista que tais relações trazem à tona uma série de particularidades apoiadas na cultura.

Assim, a compreensão de Geertz (1989) de que a cultura nada mais é que a história particular de um grupo e os símbolos criados pelos seus dominantes para que suas experiências tenham sentido a fim de racionalizar suas ações, cabe muito bem para ilustrar o livro analisado. Ou melhor, a cultura é o que quer que as pessoas conheçam ou acreditem e que legitime seu pertencimento a uma determinada sociedade organizada com base em comportamentos condizentes, já que é na ação social, nas palavras de Geertz (1989), que a cultura é articulada. Desta forma, uma vez que um grupo inicia seu processo organizacional, as ações dominantes afloram, suscitando assim as relações de poder.

Neste panorama, o uniforme seria o mecanismo de controle, ou seja, *símbolos significantes [...] qualquer coisa que esteja afastada da simples realidade e que seja usada para impor um significado à experiência* (GEERTZ, 1998, p.33). Significado este, que no contexto analisado, é utilizado como um instrumento de regulação do qual os trabalhadores, em geral, se orgulhavam.

Para ilustrar esta situação, Todorov (1982) considera em *A conquista da América* que a tomada do poder ocorre pela aceitação por parte dos dominados ou pela imposição dos dominantes. De uma forma ou de outra, a relação de poder ao fundamentar-se na dualidade dominante – dominado, é descrita pela autora do livro a partir da posição de desigualdade em que cada um dos grupos se encontra na empresa, tanto do ponto de vista do funcionário como do presidente.

É importante considerar que empresa siderúrgica em questão mascara o poder dominante e faz com que os funcionários o aceitem sem resistência. Esta

situação pode ser interpretada a partir da abordagem de Goffman (1975) sobre a dramaticidade da vida, das regras e das múltiplas interações sociais nas quais os indivíduos representam papéis distintos visando influenciar aqueles que o observam mediante seus comportamentos.

Goffman (1975) afirma que as regras são determinadas culturalmente e ao transitar entre vários ambientes, o indivíduo se adapta e se modela dependendo das expectativas e do local onde se encontra, fazendo uso de “máscaras” e permitindo, assim, significados a serem compartilhados.

Além disso, vale considerar que dentro de uma empresa, as relações entre dominantes e dominados são carregadas de interesses financeiros. Para a siderúrgica seria relevante que seu funcionário trabalhasse da maneira mais produtiva possível, sem causar nenhum tipo de prejuízo, isto é, que seu funcionário fosse o que Foucault (1993) denomina de corpos dóceis e domesticados, corpos que se submetem aos intentos da empresa pacificamente e, mais que isso, com certa dose de adoração e satisfação por dela fazerem parte.

Foucault (2000) prossegue a respeito do poder na sua obra *Vigiar e punir*. Nesta obra, o autor discorre sobre o poder ramificado advindo de um centro maior, como o Estado ou uma empresa, por exemplo, sustentado pela teoria do controle, ou seja, a própria população vigiando para que as ações individualizadas ocorram conforme o esperado. O autor chamou ainda de sociedade disciplinar o controle especializado, vigilante e catalogado, com o intuito de evitar que as massas de trabalhadores crescentes abalassem os detentores do poder.

Em outra de suas renomadas obras, *A microfísica do poder*, Foucault (1993) afirma que a humanidade instala um sistema de regras imbuído de atitudes violentas para conduzir a dominação, uma vez que os próprios funcionários legitimariam tal dicotomia dentro da empresa ao aceitarem sua posição inferiorizada. Outrossim, a empresa conduzia ações de incentivo a filantropia ao possibilitar que os trabalhadores que se mostrassem bons cidadãos e caridosos concorressem a “operário padrão” a fim de ganhar prêmios. Da mesma forma, aqueles que tivessem uma conduta pouco cidadã seriam punidos. Com isso, a siderúrgica buscava também assegurar a fidelidade de seus funcionários, afinal todos queriam ser bem reconhecidos e ter uma boa posição lá dentro.

Para contextualizar a presença da mulher na Usiminas, Farias refere-se ao livro de Margareth Rago (1985), *Do cabaré ao lar*, o qual aponta a elite

burguesa como responsável por caracterizar o trabalho feminino na empresa como moralmente degradante colocando as mulheres muito próximas da prostituição, fato que estigmatizou o que seriam trabalhos tidos como masculinos e femininos. Do ponto de vista de Rago (1985), este estigma seria um mito, já que havia um interesse social em convencer as mulheres a ficarem nas suas casas cuidando das suas famílias, pois a fragilidade feminina não poderia conviver com os “perigos” do trabalho na empresa.

Enfim, as dificuldades enfrentadas pelas mulheres no que tange a sua participação direta ou indireta dentro da empresa foram ásperas. As evidências mostram que o envolvimento da mulher com a vida profissional foi e ainda vem sendo movido por muitas dificuldades e barreiras. Para fundamentar a afirmação acima, Carole Pateman (1993), pontua a dicotomia que baliza a divisão sexual do trabalho colocando a mulher na esfera privada e homem na esfera pública.

Ademais, mesmo com o aumento da escolarização da mulher no decorrer da história e a crescente contribuição da urbanização e industrialização no século XX para a inclusão do sexo feminino no mercado de trabalho, a posição de igualdade das mulheres em relação aos homens não é garantida. Conforme afirma a autora do livro, a assimetria de gênero nas empresas ainda é evidente, assim como os preconceitos e as dificuldades enfrentadas por elas, principalmente em relação a desigualdade salarial e as menores chances de capacitação profissional (GOMES, 2005).

Entretanto, a expansão da mulher no cenário econômico é indubitável, e isso destaca a relevância de uma investigação com base neste tema. O livro analisado possibilita pesquisas futuras neste âmbito, pois mudanças sociais seguem acontecendo refletindo transformações nas expectativas de vida da mulher, não apenas em relação a sua família, mas, também quanto a sua realização pessoal (GOMES, 2005, p.6) abrindo espaço para a participação da mulher na vida pública.

Muitos outros estudos poderiam ainda ser feitos tendo este livro como pano de fundo. O uniforme poderia ser explorado como forma de apropriação dos capitais simbólico e cultural de Bourdieu (2005). Os capitais, para o sociólogo, são frutos das divisões de poderes pela desigualdade compreendendo o acúmulo das disposições culturais, ou seja, o *habitus*, célebre conceito formulado pelo autor a fim de definir tais acúmulos culturais adquiridos por um grupo ou por outro ao longo de sua trajetória resultando em maior ou menor prestígio.

A obra guiaria um detalhado panorama das modificações ocorridas na cidade de Ipatinga com um bom arsenal de fotos, ilustrando as construções e as contribuições da empresa para o crescimento da cidade.

Além de contribuir para a compreensão da história da formação do seu sindicato, o surgimento de personagens revolucionários e o contexto político que envolvia as ações da empresa e sindicalizados.

De qualquer forma, além de servir como base de estudos, o livro é uma indicação para toda população interessada em entrar em contato com uma obra rica e de leitura prazerosa.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina** 4ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- FARIAS, Rita de Cassia Pereira. **Uniforme e trabalho no Vale do aço**. Viçosa: Ed. UFV, 2012.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1993.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: Nascimento da Prisão**. Trad. Raquel Ramallete. 23a Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2000.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**, Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1998
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1975.
- GOMES, A.F. **O outro no trabalho: mulher e gestão**. 2005. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/313.pdf>>. Acesso em: 27 de Maio de 2015.
- GOMES, A.F.; SANTANA, P.G.W.; SILVA, M.J. **Mulheres Empreendedoras: Desafios e Competência**. 2005. Disponível em: <http://www.cyta.com.ar/ta0406/v4n6a1.htm>. Acesso em 27 de Maio de 2015.
- PATEMAN, Carole. O contrato sexual. Cap. 1. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1993
- RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: A utopia da cidade disciplinar**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1985.
- TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

ABSTRACT

This book review presents the most recent research published by Rita C. P. Farias. Highlighting the power relationship in a steelwork plant, she not only

deals with the social dynamic between company and workers, but also the integration of women into the labor market in Brazil. The book shows the symbolical contradictions shaped by the steel company through the uniform use, a tool used by them to construct in the workers mind a sense of happiness and pleasure associated with the act of working into a company that brought benefits to the workers as well as to the city where it was set up.

Keywords: Work; power; woman; steelworks.